

Minicontos do HÍFEN

Miniconto 1: O hífen: ligação ou separação? Eis a questão.

Grapho, rei da ortografia, apesar de estar constantemente lidando com questões de grafia, às vezes, também se distrai, pois está sempre muito assoberbado com muitos ss, rr, gg, jj para palavras grafar. Só noutro dia, há bem pouco tempo, trouxe para a consciência o fato de que o hífen é um traço de união, não de separação. Hífen vem do latim tardio “hyphen” derivado do grego “hýphen” que quer dizer ‘juntos, em um só corpo’. Só depois de ter essa informação é que percebeu claramente que as gramáticas, em geral, assim descrevem o uso do hífen nos compostos: “só se **ligam** por hífen os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética e o seu conjunto forma perfeita unidade de sentido.” Ele não tinha notado que os gramáticos usavam o verbo ligar. Se bobear, já deve ter dito inadvertidamente por aí que se separam os elementos das palavras compostas por meio de hífen. Quer dizer que, quando se trata de palavras compostas sem elemento de ligação, como por exemplo: mal-francês (sífilis), hifenizar significa ligar, juntar num só corpo para formar uma palavra nova com um sentido diferente das que se juntaram.. Às vezes, o conhecimento desses pequenos detalhes faz com que entendamos a coerência do uso de certas convenções gramaticais. **Ligação ou separação?** Não eis mais a questão: em se tratando de **palavras compostas sem elemento de ligação** o hífen é traço de **ligação** não de separação. A cara dele é de sinal de separação, mas sua função é de união. Hifenizar para ligar, eis a solução!

Miniconto 2: O hífen e sua origem mitológica.

Grapho, o rei da ortografia, concluiu que poderia juntar duas palavras sem elementos de ligação e formar uma terceira com o sentido diferente das que se juntaram. Percebeu que, se conseguisse esse feito, promoveria muita economia lingüística. Pois não precisaria criar uma palavra totalmente nova para designar as coisas do mundo, bastava juntar duas que já existiam na língua para formar essa terceira. Passeando pelo jardim encantado de seu reino, viu um pássaro que encostava seu delicado biquinho nas flores e depois saía voando para outra numa dança veloz e agitada. Pensou: “parece que aquele passarinho está beijando as flores, vou nomeá-lo de beija flor.” Olhou para palavra e sentiu, no entanto, que ela mais parecia uma frase. Faltava alguma coisa em sua grafia para ela parecer um vocábulo que se referisse ao passarinho. Tentou usar uma barra

entre elas, assim a grafou beija/flor. Mas ao olhá-la , ela não lhe parecia uma palavra única , na verdade, pareceu-lhe duas, a barra ao invés de unir, causou-lhe a sensação de que estava separando e não designaria o nome do ágil passarinho. Tentou uma vírgula, o mesmo se deu, pareceu-lhe uma minilista de duas palavras: beija,flor. Sem perceber , seu inseparável lápis escorrega de sua mão e grafa um tracinho acidentalmente entre beija e flor. A palavra ficou assim beija-flor. Percebeu que ali estava a solução , aquele traço ao invés de separar dava a idéia de junção, como se as duas palavras agora fossem um corpo só. Que nome daria a esse tracinho. Lembrou-se que, em grego, existia uma palavra que queria dizer: juntos em um só corpo. Sabe qual era essa palavra? Hífen. Daquele dia em diante, Grapho fez muita economia linguística usando um hífen. Pois, através dele, construiu um só corpo juntando duas palavras, Saiu hifenizando para tornar um só corpo muitas palavras: tenente-coronel, seu-vizinho, rainha-cláudia etc.

Miniconto 3: **O hífen : ponte entre os iguais.**

Grapho, rei da ortografia, anda muito ocupado por conta do novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa. Noutro dia, o espírito do novo Acordo acordou Grapho no meio da noite e lhe deu a tarefa de encontrar casos em que não se poderia prescindir do hífen. Lembrou-se de uma situação que ocorreu muitas vezes em sua sala. Grapho costumava escrever a palavra seguinte de duas maneiras no quadro:

Arquiinimigo

Arqui-inimigo

e perguntava a seus alunos : - Qual das duas grafias, vocês acham que é a certa?

Quase sempre, quase todos os alunos escolhiam a forma em que figura o hífen.

Grapho ficava intrigado com a escolha, porque os alunos não eram muito simpáticos ao uso do hífen , mas, nesse caso, eles achavam que o hífen era bem empregado.

Grapho foi para casa e ficou pensando no que justificaria tal escolha. Foi aí que ele percebeu que o hífen era bem-vindo entre os iguais porque ele faz a ponte necessária para que os dois ii não se atritem e mantenham a sua integridade fonética. A tendência em casos em que o último som do primeiro elemento é igual ao primeiro som do segundo é fazer um dos sons ser suprimido. Assim viu que aquela função inicial do hífen de unir num só corpo para formar uma nova palavra se mantinha quando a última letra do primeiro elemento é igual à primeira letra do segundo. Assim decretou: o hífen

é ponte entre os iguais. Fez uma lista: anti-ibérico, contra-almirante, semi-interno, infra-axilar, ad-digital, hiper-revista, auto-observação, micro-ondas etc.

Miniconto 4: O hífen e a duplicação do –r e do –s.

O espírito do novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa visitou Grapho, rei da ortografia, na noite de ontem para lhe fazer um pedido:

- Grapho, disse o espírito do Acordo. - O meu objetivo principal é o seguinte : diminuir, ao máximo, o número de marcas gráficas da língua escrita. Eu quero tornar a língua menos marcada graficamente. Ao meu ver, essa providência facilita o manuseio da língua por parte dos usuários, interrompe menos o ato de ortografar.

Grapho resolveu trabalhar em primeiro lugar em cima do hífen, pois já vem se ocupando dele há alguns minicontos atrás. Ficou com a recomendação do espírito do Acordo na cabeça e resolveu duplicar o r- e o –s , quando a primeira palavra do composto terminar por vogal. Preferiu construir um dígrafo rr, ss, a ter que usar o hífen. Ele achou que assim a palavra parece mais fluida, mais direta, mais limpa. Assim, para atender ao espírito do Acordo que é o de diminuir o número de marcas gráficas da língua escrita, toda vez que a primeira palavra do composto terminar em vogal e for seguida de –r ou de –s, ao invés de usar o hífen, Grapho propõe que se evite a formação da sílaba intermediária através da duplicação do –r e do –s. Assim palavras como anti+religioso, extra+regulamentar, infra+renal, neo+romano, ante+sala, anti+social, infra+som, se escreverão respectivamente: antirreligioso, extrarregulamentar, infrarrenal, neorromano, antessala, antissocial, infrassom. Os dígrafos –rr, -ss evitam a formação da sílaba intermediária e evita o uso do hífen. Menos um caso de uso de hífen. Grapho não achou nada demais duplicar o –r e o –s depois de vogal , porque, a seu ver, essa prática já vem sendo feita na língua há muito tempo, em palavras como: monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo, homossexual, metrossexual, heterossexual.

Grapho vem tentando com o seu trabalho de reflexão sobre as regras ortográficas resgatar graus de sanidade mental dos estudos gramaticais. Ele vem observando que esses estudos não são descabidos e que ele pode encontrar possíveis justificativas para o estabelecimento dos preceitos. Ele anda muito motivado com esta perspectiva e decidiu que vai utilizar sua intuição e seus “insights” para tentar justificar o que há muito vem sendo visto como sem-razão. Ele acredita que , encontrando esses níveis de

sanidade mental desses trabalhos, ele aproximará os estudantes do estudo de sua língua. Afinal, entender nossa língua é direito e dever de todos nós.

Miniconto 5: O hífen e a heterofilia gráfica

O espírito do novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa de querer diminuir o número de marcas gráficas da língua escrita não sai da cabeça de Grapho, rei da grafia. Seguindo o espírito do Acordo, Grapho aboliu o uso do hífen ao optar pela duplicação de r e s quando o primeiro elemento do composto termina por vogal como em *antirreligioso* e *antissemita*. Mas não sossegou: quer abolir mais hífens da grafia. Foi aí que do alto de sua postura hétero decidiu que duas vogais diferentes podem se grafar juntas no composto. A seu ver, a junção de diferentes é absolutamente recomendável e não forma a desagradável sílaba intermediária mascaradora da integridade fonética dos elementos dos compostos. Assim, se o primeiro elemento do composto terminar por uma vogal diferente da que começa o segundo, Grapho propõe que elas se juntem como um feliz caszinho hétero. Tal providência tem tudo a ver com o espírito do Acordo de diminuir o número de marcas gráficas da língua escrita. Assim, o o de *auto* + o e de *estrada* ficarão juntos sem hífen: *autoestrada*.. Grapho fez uma pequena lista para ilustrar esses casos: *antiaéreo*, *aeroespacial*, *extraoficial*, *contraíndicação*, *supraocular*, *neoimperialista*, *contraofensivo*, *supraesofágico*.

Miniconto 6: O Hífen e o h

Grapho sempre achou o h (agá) uma relíquia caprichosa da língua portuguesa. Apesar de ele ser mudo, de ser apenas um símbolo etimológico, o *h* tem muita personalidade. Ele quer ser visto, mas não quer ser ouvido. Sua forte personalidade fez com que Grapho tenha que usar o hífen em compostos em que a segunda palavra comece por *h*. Grapho fez um levantamento das situações em que se usa o *h* em português. Viu que são duas:

- 1) mudo em início absoluto de algumas palavras, como por exemplo: *hipnose*, *hélice*, *hepático*, *histórico*, *hibridismo*, *hipérbole*;
- 2) depois de *c,l* ou *n* palatalizando essas consoantes e formando respectivamente os dígrafos: *ch*, *lh*, *nh*.

Para que ele se mantenha mudo, porém absolutamente visível no início da segunda palavra do composto, Grapho teve que usar o hífen, por exemplo: *contra-haste*, *entre-hostil*, *super-homem*, *sobre-humano*.

Se o primeiro elemento do composto terminar por *l* ou *n*, aí mesmo é que o hífen terá de ser usado. Se o hífen não for usado nesses casos, se formarão os dígrafos *lh* e *nh*. E isso será um deslize ortográfico imperdoável para Grapho, pois se constituirá aquela indesejável sílaba intermediária mascaradora da integridade fonética dos elementos dos compostos, como por exemplo: *pan-hospitalar*, *mal-humorado*. O *h* está nos compostos para ser visto, mas não para ser ouvido. Quer entrar mudo e sair calado.

Miniconto 7: *O hífen nunca.*

Até aqui não havia sido revelado que Grapho, rei da ortografia, tem um filho, o Grafinho. Grafinho é uma espécie de herdeiro intelectual do pai que está trilhando o mesmo caminho na busca de entender melhor o que pode motivar o uso de algumas convenções ortográficas. Ele é muito atento a tudo que o pai diz. Foi aí que ele chegou para o pai e questionou:

- Pai, tenho observado que a sílaba intermediária se cria quando o segundo elemento do composto começar por vogal, *h*, *r* ou *s*. Observei também que o espírito do Acordo de querer diminuir o número de marcas gráficas da língua escrita usou o hífen apenas para fazer a ponte entre os iguais, como por exemplo o famoso *arqui-inimigo*; e para manter o *h* no início absoluto da segunda palavra do composto como por exemplo em *semi-histórico*, *super-homem*. Em relação ao *r* e ao *s*, para evitar a sílaba intermediária, preferiu duplicá-los a usar o hífen: *microrradiografia*, *microsistema*. Como o senhor é hétero convicto juntou as vogais diferentes, pois a seu ver, elas não formam sílaba intermediária, por exemplo: *autoescola*, *infraestrutura*. Mas agora eu lhe pergunto: e se o segundo elemento do composto não começar por *vogal*, *h*, *r*, *s*? Se ele começar, por exemplo, por *b,c,d,f,g,j,l,m,n,p,q,t,v,w,y,z*? O que é que eu faço?

- Tranquelize-se, Grafinho. Essas letras(sons) não formam sílaba intermediária, por isso, se o segundo elemento do composto começar por elas, escrevemos o composto junto, sem hífen. Por exemplo: *pseudobarbeiro*, *autoconfiança*, *pseudodesconto*, *contracheque*, *neomelancia*, *antigripal*, *antifumo*, *extracurricular*, etc.

- Poxa, pai, muito maneiro! Isso poupa muito nossa memória. Na verdade, só precisamos guardar aquelas quatro letras: vogal, *h,r,s*. Se não forem elas que iniciam o

segundo elemento do composto, escrevemos a palavra junto sem hífen. E o mais legal de tudo é que nesses casos não precisamos nos preocupar com o primeiro elemento. Não importa o prefixo que vier na frente. Sei que estou sendo redundante quando digo que não importa o prefixo que vier na frente, pois se é prefixo é porque vem na frente. Mas é que eu fiquei tão contente com essa revelação que quis falar que não importa o prefixo que vier na frente. Isso economiza muito a nossa memória. Gramáticas e dicionários fazem uma lista de 85 (oitenta e cinco) prefixos. Nunca consegui decorar. Agora nem esquento. Legal!

Miniconto 8: O hífen sempre.

Grapho, rei da ortografia, observou que, ao longo do texto do Acordo, há 3 (três) conjuntos de prefixos e 1 (um) de sufixos, que, quando se juntam a outras palavras da língua, devem delas ser separados por hífen. Ao invés de deixá-los espalhados, como faz o texto do Acordo, tomou a providência de listá-los um próximo do outro para visualizá-los melhor e tentar analisá-los com mais detença. Abaixo a lista com exemplos feita por Grapho:

- 1) usa-se o hífen nos compostos com SEM-; ALÉM-; AQUÉM-; RECÉM-; BEM-.
Ex.: SEM-teto; ALÉM-mar; AQUÉM-túmulo; RECÉM-casado; BEM-amado;
- 2) usa-se o hífen nos compostos com SOTA-; SOTO-; VICE-; VIZO-; EX-. Ex.:
SOTA-piloto; SOTO-ministro; VICE-presidente; VIZO-rei; EX-marido;
- 3) usa-se o hífen nos compostos com PRÉ-; PÓS-; PRÓ-. Ex.: PRÉ-vestibular; PÓS-graduação; PRÓ-natureza.
- 4) -AÇU, -GUAÇU (= grande), MIRIM (sufixos de origem tupi), quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige.
Ex. amoré-GUAÇU, anajá-AÇU, capim-AÇU, maracujá-MIRIM.

Analisou o primeiro grupo e concluiu que o hífen pode ter sido usado para mostrar que os advérbios SEM-; ALÉM-; AQUÉM-; RECÉM-; BEM- se tornaram prefixos. O hífen pode ter sido usado para marcar uma mudança de função: a de advérbio para prefixo. Além disso, percebeu também que o fato dessas palavras terminarem por *-m* faz com que elas necessitem de um hífen para não formar sílaba intermediária. No entanto, não conseguiu fazer o mesmo com as duas outras séries de prefixos. Sabe o que ele decidiu então: usou suas prerrogativas de rei e deu uma ordem e lançou um desafio ao mesmo tempo.

A ordem foi a seguinte: mandou que seus súditos *decorassem* a lista de prefixos e colocassem o hífen sempre que eles forem usados para formar compostos. Ele não achou nada demais essa ordem por dois motivos: primeiro porque o número de prefixos e sufixos é pequeno; segundo porque o hífen se usa *sempre* nesses casos.

O desafio foi o seguinte: os súditos que encontrassem um motivo razoável para explicar o uso do hífen com esses quatro grupos receberia a honraria de serem considerados bons ortógrafos da língua portuguesa.

Caro leitor, se você tiver tempo e interesse na questão, assuma o desafio e mande sua explicação para www.profmauriciodasilva.pro.br.

Miniconto 9: *O hífen e seus tropeços.*

Grapho observou que a base XV do texto do Acordo Ortográfico tem um traço comum que une os casos de uso do hífen: essa base trata do uso do hífen na *composição*. *Composição* é aquele processo de “formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova”. Mas Grapho observou também que o texto do Novo Acordo diferenciou dois contextos formais de composição: *as palavras compostas* e *as locuções*.

Leu cuidadosamente a lista de todas as palavras que foram colocadas em cada contexto formal e inferiu que, para os redatores do novo Acordo:

- a) *composta* é a palavra que se forma pela reunião de outras *sem elemento de ligação*, por exemplo: casca-grossa, finca-pé, segunda-feira. Nestas se usa o hífen quase sempre. Engraçado, Grapho acha que a redação do Acordo contém um equívoco. Há um sinal de ligação, esse sinal é o hífen;
- b) *locução* é a palavra que se forma pela reunião de outras *com elemento de ligação*, por exemplo: cão *de* guarda, fim *de* semana, cor *de* café *com* leite, sala *de* jantar. Nestas, frequentemente, *não* se emprega o hífen; Grapho achou que o Acordo fez isso para não sobrecarregar as palavras de elementos de ligação. Como se viu o hífen em sua origem nasce como um elemento gráfico cuja função é ligar. Repetindo “hífen vem do grego *hyphen* que quer dizer juntos num só corpo”. Preposições do tipo *de*, *a*, *com* e conjunções do tipo *que* também são elementos de ligação. Ao seu ver, Grapho achou que, ao se colocar o hífen e as preposições ou conjunções haveria uma redundância de elementos de ligação.

Grapho não perde a mania de tentar recuperar níveis de coerência nas propostas feitas pelos estudiosos da gramática normativa.

Só que o Acordo não disciplinou o caso das locuções, isto é, aquelas que formam uma nova palavra a partir da reunião de outras com elemento de ligação. Em algumas locuções, o Acordo deixou o hífen como em: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia*. Em outras suprimiu o hífen como é o caso do *pé de moleque(doce)*. Foi aí que Grapho fez um pequeno manifesto para alertar os usuários do português:

Caro usuário da língua portuguesa,
O Acordo em relação às locuções
se perdeu em seus critérios.

Ao invés de propor o uso do hífen em todas elas,
Ou tirá-lo de todas elas para não sobrecarregar as palavras com elementos de ligação,
ele deixou o hífen em algumas,
mas tirou o hífen de outras.

Aí a coisa se indisciplinou.

Ao meu ver , os autores do Acordo supervalorizaram
uma pequena diferença formal:

o fato de as locuções, para eles, terem um
elemento de ligação.

Tirar o hífen de pé de moleque
e deixar em pé-de-meia
não foi legal.

Ambas são palavras novas que se formam
a partir da junção de outras que já existem.

Por isso, “*Toda vez
que você se defrontar
com uma locução, cujo elemento de ligação
seja uma preposição ou conjunção,
conceda-se o **direito à dúvida.***

Vá ao VOLP (Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa),
ou ao dicionário
e veja se tem ou não hífen.

*Em relação às locuções todos estamos no
mesmo barco,
pois o Acordo em algumas deixou o hífen em
outras o suprimiu.”*

Grapho é um defensor do espírito do novo acordo de diminuir as marcas gráficas da língua escrita, mas em relação às locuções, isto é, essas palavras compostas que se formam com elemento de ligação do tipo preposição ou conjunção, ele acha que elas todas deveriam ter hífen para mostrar que formam uma palavra nova com sentido diferente das que se juntaram. Grapho não encoraja o desestímulo por parte dos estudantes, pois esse caso corresponde a menos de 10% dos casos de hífen. Ademais, Grapho sabe que todo estudioso tem que ter obras de referências do tipo de dicionários e gramáticas para consultar justamente essas exceções ou para eventuais e normalíssimos esquecimentos. Grapho é da opinião que a memória, ao contrário do que muitos dizem por aí, é o lugar do esquecimento. Por isso é importante que não nos esqueçamos de que o ato da consulta em casos excepcionais é um ato possuidor de um viés intelectual. O que ele não concorda é que esse ato tenha que ser feito em cem por cento dos casos, pois através do sistema que ele elaborou ele pôde perceber que muito sobre o uso do hífen pode ser compreendido e por isso retido por aqueles que estudam o assunto.

Miniconto 10: ***O hífen e um tipo especial de locução***

Como Grapho apontou no conto anterior, os autores do Acordo Ortográfico consideram locução aquela palavra que se forma pela reunião de outras *com elemento de ligação do tipo preposição ou conjunção*, por exemplo: cão *de* guarda, fim *de* semana, cor *de* café *com* leite, sala *de* jantar, mais-*que*-perfeito. Nestas, frequentemente, *não* se emprega o hífen. No entanto há dois casos de locução, ou seja, de palavra que se forma pela reunião de outras com elemento de ligação do tipo preposição em que se usa o hífen em praticamente 100% dos casos. È quando essas locuções designam nomes de espécies botânicas (*plantas*) ou de espécies zoológicas (*animais*). Aliás, nesse caso, se usa hífen nas palavras com ou sem elemento de ligação (preposição). Por exemplo:

plantas: bênção- de- deus, fava-de-santo-inácio, bálsamo-do-canadá, feijão-de-corda, erva-doce, ervilha-de-cheiro;

animais: João-de-barro, lesma-de-conchinha, andorinha-do-mar, andorinha-grande.

Desta maneira, Grapho dá uma dica: *se a palavra for uma locução e tiver hífen é quase certo se tratar de uma espécie de planta ou de animal.*

É curioso observar que o Acordo deu primazia ao uso do hífen para os nomes de plantas e de animais. Se uma mesma palavra tiver significados diferentes e um deles designar planta ou animal, esse que designa planta ou animal levará hífen e os outros não. Espécie botânica e espécie zoológica funcionam como uma espécie de critério de desempate. Exemplos:

1)- bola-de-neve (com hífen) designa arbusto europeu, isto é, uma espécie botânica; bola de neve (sem hífen) aquilo que toma vulto rapidamente, isto é, não é planta nem animal;

2)- bico-de-papagaio (com hífen) designa uma espécie botânica, planta; bico de papagaio (sem hífen) quer dizer ‘nariz adunco’;

3)- mata-cobra (com hífen) designa inseto, isto é, uma espécie zoológica; mata cobra (sem hífen) designa ‘tipo de bastão’.

Grapho vive à procura de regularidades, pois assim fica mais fácil entender o que se estuda.

Miniconto 11: *O hífen e seus tropeços 2*

Grapho, rei da ortografia, recebeu a visita da poderosa deusa Gramática em seu reino ortográfico. Aproveitou a oportunidade para fazer-lhe algumas perguntas:

- Poderosa deusa Gramática, por que algumas palavras como *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista* não levam hífen, embora sejam compostos sem elementos de ligação?

- Caro Grapho, apesar de eu ser uma mãe muito autoritária que tudo quer disciplinar, tenho um filho rebelde que se chama Uso. O Uso hoje já é adulto e, em determinadas situações tem tanto poder quanto eu para fixar e tornar legítimas certas formas linguísticas. *Girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista* são grafadas sem hífen porque há longo tempo o Uso já as consagrou assim.

- A senhora também determinou que, quando a vogal final do segundo elemento do composto for igual à vogal inicial do segundo, elas deveriam ser unidas por hífen como em *micro-ondas, micro-organismo*. No entanto, quando o primeiro elemento do

composto for CO- ou RE- , mesmo que o segundo elemento comece por uma vogal igual à vogal deles, o hífen não precisa fazer a ponte entre eles.

- Foi o Uso , meu rebelde filho, que também determinou essa grafia. Já há muito tempo, escreve-se , por exemplo, *coordenar*, e *reeditar* juntos. Com o Uso não se discute. Assim escrevemos: *coobrigação*, *reeditar*, *cooperação*, *reestabelecer*. É, Grapho: “filhos melhor não tê-los, mas se não tê-los como sabê-los.”

Miniconto 12: O hífen: resumo.

Grapho reuniu seus súditos para mostrar o resumo que fez sobre o uso do hífen segundo o Acordo Ortográfico da língua portuguesa. Resolveu mostrar o resumo com suas reflexões em forma de tópicos para agilizar sua apresentação:

1)- elogiou o espírito do Acordo de diminuir o número de marcas gráficas da língua escrita. Isso, ao seu ver, faz com que o ato de ortografar se torne menos interrompido;

2)- lembrou o sentido etimológico de hífen. *Hífen* vem do latim tardio “*hyphen*” derivado do grego “*hýphen*” que quer dizer ‘*juntos, em um só corpo*’. Salientou que o hífen é uma marca gráfica agregadora por excelência e que ,através de seu uso, se formam os compostos em que ele (hífen) é o elemento de ligação. Essas palavras compostas geram muita economia para língua, pois se juntam duas que já existem para formar uma terceira com o sentido diferente das que se juntaram;

3) lembrou também que o *hífen* serve para evitar a sílaba intermediária que pode se formar entre o último som do primeiro elemento do composto e o primeiro som do segundo. Como é o caso de *sub-reino*, *arqui-inimigo*. Isso também gera economia para a língua;

4)- arrolou de novo as listas de prefixos e sufixos com os quais o hífen é sempre usado:

4.1)- *sem-,além-, aquém-,recém-, bem-;*

4.2)- *sota-,soto-,vice-,vizo-, ex-;*

4.3)- *pré-,pós-,pró-;*

4.4)- os sufixos *-açu,- guaçu, -mirim;*

5)- lembrou aos súditos uma regra de grande rentabilidade mnemônica: *se não for um dos casos acima e se o segundo elemento do composto não começar por vogal, h, r ou s, não leva hífen, grafa-se junto.* Deu alguns exemplos: *antivírus*, *autoconfiança*, *contracheque*, *neolatinas*;

6)- exclamou que o Acordo Ortográfico propõe três recursos para evitar a sílaba intermediária se o segundo elemento dos compostos começar por *vogal, h, r* ou *s*:

6.1)- usa-se o hífen para fazer a ponte entre sons iguais: *anti-inflamatório, ad-digital*; e evitar a sílaba intermediária em palavras como *sob-roda, sub-rainha* e o *-h* em palavras do tipo *mal-humorado, super-homem*;

6.1) junta vogais diferentes: *autoescola, hidroelétrico*;

6.3)- duplica o *r* e o *s*, quando o primeiro elemento termina por vogal: *surreal, antissemita*;

7)- criticou o fato de o Acordo ter valorizado uma pequena diferença formal - o elemento de ligação (preposição ou conjunção) – e colocar hífen em algumas locuções como em *pé-de-meia, mais-que-perfeito* e tirar de outras como em *pé de moleque*;

8)- falou de algumas palavras que, apesar de serem compostas, não levam hífen como é o caso de *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista*;

9)- registrou também que apesar de serem iguais o hífen não precisa fazer a ponte para ligar *co+o= coordenar, coobrigação*; e *re+e= reerguer, reestabelecer*.

Feito o resumo afirmou que o súdito que retiver esses 9 pontos, com certeza, estará bem por dentro da matéria.

Miniconto 13- *3 casos que parecem especiais*

Grapho, quando ainda era professor de português dizia a seus alunos que quando o segundo elemento do composto não começa por vogal, h, r, s não se usa o hífen, isto é, a palavra se grafa junto como em *micromercado, macropensão, minicurso, minipiscina*. Seus alunos, a partir dessa afirmação, inferiam, por conta própria, que quando o segundo elemento do composto começa por vogal, h, r, s a palavra formada levava hífen necessariamente. Então Grapho era obrigado a explicar que não é bem assim. O critério para fazer com que a palavra cujo segundo elemento do composto começa por vogal, h, r, s leve hífen é observar se se forma a sílaba intermediária na zona de atrito da palavra composta. Grapho explicava que a zona de atrito era aquela parte da palavra que se situa entre o fim do primeiro elemento do composto e o início do segundo. Só depois de explicar isso é que os alunos percebiam que nem toda palavra composta cujo segundo elemento começa por vogal, h, r, s leva hífen. Há casos principalmente com o segundo elemento começando por *-s* em que a palavra composta se escreve junto sem hífen, por exemplo, *subsolo, subsecretário, subsíndico, pansexual, malsoante, malsortado*. Nessas palavras não é necessário usar o hífen, porque o *-s* do segundo

elemento continua se pronunciando /s/, ele não perde a integridade fonética. Assim preste atenção nesses casos.

Aliás o prefixo sub- encabulava os alunos quando era seguido de palavra começada por vogal. Os alunos achavam estranho falar *subárea*, *suboficial*. Grapho lembrava a seus alunos que o *sub-* seguido de vogal não forma sílaba intermediária. E exemplificava o fato com as palavras, *subalterno* e *subordinação* de uso frequente na língua. Assim atenção no sub- seguido de vogal. Essas palavras se grafam junto, porque não se mascara a integridade fonética dos elementos dos compostos.

Uma listinha: *subaéreo*, *subafluente*, *subagência*, *subagente*, *subagudo*, *subalimentação*, *subatômico*, *subestimar*, *subeditor*, *subemprego*, *subentender*, *subinspetoria*, *subintendência*, *subintervalo*, *subordem*, *subocular*, *subondulado*, *subornamento*, *suburbano*, *subunidade*, *subutilizar*.

O *super-* seguido de vogal também encabulava os alunos, eles achavam que tinham que fazer a ponte da vogal do segundo elemento do composto por um hífen. No entanto, não é preciso usar o hífen porque *super-* seguido de vogal não forma sílaba intermediária e o sentido de *super-* se mantém. Assim: *superativo*, *superadstringente*, *superinteressante*, *superimportante*, *superabundante*, *superagudo*, *superespécie*.

Na verdade, esses casos não são especiais. Nos três não se usa o hífen porque não se forma a sílaba intermediária mascaradora da integridade fonética dos compostos. É só uma questão de treinar o ouvido e perceber que o sentido dos prefixos se mantém quando grafados junto ao segundo elemento do composto.

Miniconto 14: *a noção de amálgama*

Todas as vezes que Grapho falava que os gentílicos do tipo *afro-asiático*, *européu-africano*, *asiático-luso-brasileiro* levavam hífen porque a partir de sua junção se criava uma nova palavra composta com um sentido diferente das que se juntaram, muitos de seus alunos ficavam na dúvida. Os alunos achavam que, na verdade, o que acontecia era uma espécie de soma dos significados das palavras que se juntavam. Foi aí que Grapho lhes explicou que, quando juntamos estas nacionalidades, construímos uma nova palavra cujo significado novo aponta para a noção de *amálgama* de duas ou mais culturas. Por exemplo: o estilo *afro-asiático* não é só africano nem só asiático, ele significa a *mescla* de aspectos da cultura asiática e da africana que acontecem ao mesmo

tempo, simultaneamente, às vezes, até difíceis de separar. Essas palavras foram *hifenizadas* justamente para mostrar que os valores, as características, as atitudes das culturas em questão se amalgamaram formando uma outra coisa.

A mesma noção de amálgama se dá, quando se juntam ,através do hífen, palavras que designam áreas do saber para mostrar que essas sofreram uma mescla e formaram um terceiro significado, por exemplo: ***histórico-geográfico, científico-filosófico, antropológico-religioso.*** As noções de amálgama e mescla fizeram os alunos entenderem que ali estava o terceiro significado. Mas restava um probleminha em relação a estes compostos que designam amálgama de pontos de vista , quando o primeiro elemento tem sua forma reduzida, isto é, abreviada. Se isso acontecer, nem sempre se usa o hífen para mostrar a formação da noção de amálgama. A forma reduzida segue aquelas regras do hífen de evitação da sílaba intermediária mascaradora da integridade fonética dos elementos dos compostos. Vejamos alguns compostos com a forma reduzida ***geo-***:

- 1) ***geo-histórico*** leva hífen para fazer a ponte com o ***h***;
- 2) ***geo-ontológico*** leva hífen para fazer a ponte entre vogais iguais
- 3) ***geoantropológico*** não leva hífen porque vogais diferentes podem ser grafadas juntas (heterofilia gráfica);
- 4) ***geocientífico*** não leva hífen, porque o segundo elemento do composto não começa por vogal, h,r,s;
- 5) ***georreligioso*** duplica-se o r depois de vogal para evitar a formação da sílaba intermediária;

Assim, apesar de formar a noção de amálgama, quando o primeiro elemento de compostos que mesclam pontos de vista estiver reduzido, seguem-se as regras do uso do hífen com a finalidade de evitar a formação da sílaba intermediária. Esses são detalhes que Grapho vem percebendo através de seus estudos cujo principal objetivo é explicar algumas das razões das propostas feitas pelo novo Acordo Ortográfico. Ele sabe que alguns acharão esse tipo de proposta um pouco complicada no início, mas depois perceberão que o que Grapho quer fazer é não só recuperar graus de sanidade mental dos estudos gramaticais normativos, mas também respeitar a inteligência do usuário do português que não se contenta em apenas decorar regras sem conhecer algumas de suas razões.